

A LOCOMOTIVA

Assignatura 500 rs. Publica-se 3 vezes por mez em dias indeterminados

Órgão dos interesses Locaes

Os artigos em sentido do programma serão publicados gratuitamente.

ANNO I

CUYABA', 24 DE MARÇO DE 1882

NUMERO 8



A LOCOMOTIVA

Cuyabá, 28 de Março de 1882.

Concerto e factura de ponte.

E' com prazer que algumas medallas de interesse local temos sabido terem sido tomadas pela camara municipal em referencia a phrase que serve de epigraphe a este artigo.

Ella, a quem compete os melhoramentos deste municipio, não tem vacillado sobre os concertos de que tanto se resentia a ponte da rua 13 de Junho e sabemos mais que com o laborioso cidadão Joaquim Claudionor de Siqueira foi contratada a construção da ponte da rua Couto de Magalhães.

Si annualmente a illustre edilidade conseguisse brindar este municipio com um ou outro melhoramento, ninguém poderia duvidar de que sabra-lhe bô vontade para desempenhar a sua missão e *petit à petit* ir cumprindo-a e merecendo do publico o applauso devido.

Não sirvam estas linhas de estímulo para que presuma-se a camara municipal de que muito tem feito em beneficio dos seus municipes; mas sim, como um incentivo dos louvores que possa vir merecer, com mais patriotismo se interesse de tudo quanto

fôr mister ao bem d'elles. Si a consciencia lhe diz que alguma coisa tem feito, diremos nós, que muito lhe resta ainda fazer...

Diversas e antigas ruas desta cidade até hoje não foram calçadas e para ella chamamos a sua attenção.

As pontes que atravessão o correjo da prainha exigem serios reparos quando não possam ser com luxo novamente construidas.

A sôde de um lugar tem direito a possuir em mais alto gráo os bons edificios, as boas pontes, calçadas etc; e a maxima economia e boa arrecadação das rendas, darão á camara municipal os meios necessarios para chegar a esses fins.

A PEDIDOS

Aos dous carcanhars de frigideira

Não estranhemos que um homem honrado na acepção da palavra, appareça em publico e procure stigmatizar qualquer acto menos digno por outrem praticado; pois, os actos infames, tenham elles por protogonista quem quer que seja,—merecem sempre a reprobção publica.

Mas que dous chuleirentos uariolas, desprezíveis pelos seus

negros procedimentos,ousem a queíram, sem estar no caso, conhecer de honra maculada,—elles que nenhum vislumbre possuem dessa virtude que tanto nobilita a especie humana,—é esse facto uma profanação, um insulto atirado a esse attributo e seus sagrados fundamentos!

Serão por ventura honrados aquelles que, desacatados vil e miseravelmente por um individuo, em tempo não muito remoto, com o maior cynismo e descaramento, veem hoje a imprensa, só por apêgo ao dinheiro que esse individuo "es deve, traçar bestial e indignamente palavras em seu abono?

Pois as chagas hontem abertas, já estarão hoje cicatrizadas?!

Não será sem pudor e consequentemente sem honra o gallego que, recebendo nesta praça dinheiro de muitas pessoas para comprar bilhetes de loteria na Côrte e que depois de comprados, remette aqui á outro gallego, seu socio e vil companheiro, para vendel-os com excessivo lucro, negando depois aos seus committentes não ter comprado os ditos bilhetes, fazendo dessa forma bom negocio com o dinheiro alheio?

Esse abuso da boa fé d'aquelles que em má hora lhe depositaram confiança, não será o requinte da deshonra?!

Respondam-nos, HONRADIS-
SIMOS gallegos—si o brio ainda
não lhes polluo a face.

Estes procedimentos são os
que revellão a falta e o conhe-
cimento do que seja—honra—e
que só podem ser praticados por
dous gallegos vis e abjectos
que, não conhecendo o quanto
são indignos da nossa sociedade,
querem audaciosamente nella
enivellar-se.

Por falta de espaço neste nu-
mero fazemos ponto aqui, a-
guardando para os numeros se-
guintes darmos ao publico uma
descrição ou amostra de PRO-
BIDADE, HONRA e MORALI-
DADE dos dous infames e mise-
ravéis garotos d'alem-mar.

Zellis & Manuellis.

Vimos hoje, cumprir a pro-
missa que fizemos no numero
passado d'este jornal—aos dous
insolentes e latrinnarios *pês de
chumbo*, verdadeiros parasitas ou
aves de rapina, que aqui vivem
enroscados, impondo-se à con-
sideração dos homens de bem,
que, ainda não acostumados
com *pechisbeques*, por isso que
são apparecer em centros de
maior circulação,—recebe-os em
bôa fé e deixa-os circular na
praça como moedas de real va-
lôr.

Nós, porém, que, quaes ata-
laías, não queremos nos deixar
embair pelos falsos brilhos d'es-
ses *galvanizados*, procuraremos
dar-lhes o—toque,—reconhecer-
lhes a pureza, e tornal-os por
este modo bem conhecidos na
praça onde circulam.

Entretanto, não nos alonga-
remos muito; mesmo porque

seria perder o precioso tempo,
que pôde ser mais vantajosa-
mente empregado em cousas de
verdadeira utilidade, que não
descrever *typos* asquerosos, que
só servem para infectar o livre
ar que respiramos.

O que fazem estes gallegos,—
e quaes os seus fins? —

Nascidos la pelos recantos do
velho Portugal, cercados de mi-
seria extrema, sem outro meio
de vida que a servidão, condição
vil e abjecta, para a qual foram
fados, e na pratica da qual
conseguem, arrastando, elevar-
se; arrebatados um dia pela lei
fatal d'um ferreo destino, espa-
lham-se por todos os angulos do
globo, provando, como disse al-
guem, a prodigalidade da espe-
cie humana em enviar-nos des-
ditosos Ashaverus.

Si a sorte, sempre caprichosa
e varia, lhes depara uma casa
de negocio, onde possam prestar
os seus serviços, ao cabo de
pouco tempo ei-los com grossas
patacas, senão ricos, e muitas
vezes o patrão que antes estava
em condições favoraveis, ve-se
reduzido (permitta-se-nos a
phrase).—à *expressão mais sim-
ples*.

E o tal caixeiro (se tal qua-
lificativo mercee) —estabelece-
se no dia seguinte com casa de
negocio, de sociedade com ou-
tro tal, que accaba de pregar a
mesma *pécha* ao seu patrão.

Eis, pois, em breves traços,
o que fazem estas duas *gralhas*,
cujas pennas lhes iremos arran-
cando, até po-los no seu primi-
tivo estado.

Mais tarde, porem, um d'es-
tes *Judeus-errantes*, graças á
habilidades que tão dextramen-
te sabe empregar, consegue in-
troduzir-se no seio d'uma fami-

lia rica, levando em seu espirito
obsecado o mais infame e torpe
anhelo: —o de estorquir uma
fortuna honestamente adquiri-
da.—

São estes, pois, os dous mi-
seraveis *ganha pães*, que por uma
brutal fatuidade supõem-se fi-
lhos do Sól ou netos da Lua, e
que não trepidão, sempre que
pódem, em assacar-nos doestos
e reproches, e que com a maior
cer-ceremonia fallão em «honra»,
como si tal sentimento fosse
attributo exclusivamente seus.

Serão com effeito filhos ou
netos da Baroneza de . . . como
quiseram fazer crer, pensando
deste modo tocar á méta de seus
unibilissimos anhellos?

Ora. —tirem o cavallo da
chuva! —

Não veem que ninguem é
beocio para se deixar levar por
semelhante engodo? — Azemo-
las!

Nós não lhes daremos tre-
guas; seguir-lhes-hemos os pas-
sos, e lhes ensinaremos a ser
mais cortezes em terra alheia:
pois estamos cansados de aco-
lher em nosso seio—viboras que
mais tarde pagam com o veneno
bem que recebem.

Infernaes que são!

Por hoje ficamos nisto; —mas
se for necessario, voltaremos.

O doutor tribuno da qui-
tanda em assembléa
geral com os se-
us collegas

3.ª SESSÃO NO LARGO DO CAPIÃO
25 DE MARÇO DE 1882
SYNOPSIS

Nesta sessão o tribuno da
quitanda passa a presidencia ao
doutor *Gafanhoto*, e vai para
a bancada tomar parte na dis-

cussão, onde se apresenta muito desapontado pelos ultimos acontecimentos; e falla, ora com um, ora com outro grupo de seus collegas. enfurecidamente, e protesta tirar uma estrondosa vingança de tudo o que se tem dito em relação ao CONTINHO, e exhorta, ameaça, péde, mostrando achar-se affectado do cerebro.

Diversos collegas do tribuna fallão, e há uma completa confusão—ou torre d Babel.

Feita a chamada, acham-se presentes os doutores Gafanhoto e tribuno da quitanda, Marianc—o mendigo, João-meio-dia. Mané-mané tevevê, Tóto bóbó-cheira cheira, Pai-Domingos-cori-ronda, Raymundo-o cégo, Chico-nenê, Benedicto-pacú. Luiz-bucheiro-panadeiro, Bento Jeronymo, Chimbé, R. t-childs, Benedicto Peixoto, e Mestre Patricio.

Presidencia do Sr. Dr. Gafanhoto.

O *distincto e eloquente* tribuno da quitanda apresenta aos seus collegas o doutor Gafanhoto 1.º Vice-presidente, e o Mestre Patricio, passando a presidencia ao primeiro, por ter hoje de tomar uma parte activa na discussão;—e começa assim:

Illustradissimos collegas.—Vou me dirigir à vós todos, que ho nestos como são, constituem a boa sociedade quitandeira, na qual merecidamente alistei-me e tenho vivido, sempre acolhido com a geral estima e consideração... (Muitos apoiados.)

Tenho uma *consciencia digna* da minha pessoa, sem pre tranquilla que não me accusa ter praticado actos menos dignos de que *aquelle que expuz na ultima*

sessão e outros que ainda terei a honra de trazer ao nobre conhecimento dos illustres collegas.

Sou moço, é verdade, ali-ento porém, n'este seio arden dissimos *desejos de posição* e dinheiro e muito dinheiro... Já mais *errei* na pratica de meus actos, mercê de Deus... e quem se atrever a dizer o contrario, contra o tribuno, caro pagará o seu arrojo, porque tenho duas tribunas para fulmina-lo.

Jamais vesti, é verdade, uma camisa de cambrá e nem calcei luvas de pellica,—pois o meu principio não receio dizer—fui AGUADEIRO... é hoje sou um homem de bem, um pouco já *arranjado*, e para chegar até aqui tenho lutado com a adversidade, e se não fui ainda *filado*, foi porque a *fileção* do continho, deixou-me bem esperto e activo, para não ser outra vez agarrado.

A virtude, meus caros collegas, é o dinheiro. e o dinheiro somente; tudo o mais *nada vale* para o mundo, e se assim não fosse, onde estaria hoje a minha personalidade? Talvez com a grilheta no pé como o papagaio!...

E portanto *honra* é o dinheiro? *dignidade*—o dinheiro! intelligencia o dinheiro, sabedoria—o dinheiro!...

Poco meus collegas des culpa desta divagação...

—Cala-se por alguns momentos, e em profundo silencio conservou-se toda a assembléa, até que repentinamente, rompe o tribuno em altos gritos, recendo-lo-se estar soffrendo de alguma

Tribuno, —(Deitando)—Som

bra implacavel! pavoroso espectro! não me persigas mais! deixa em paz, quem tem procurado somente arranjar-se! (derrepente) mas... Senhores... eu entreguei... entreguei... Oh! visão infernal, fôge... fôge de mim!!

O Barriga verde! o traidor... esse que ousou lançar sobre a *minha reputação* o hediondo crime de *pirataria*... não! bandido! eu entreguei!.. entreguei! tu talvez praticasse alguma acção igual e *filassa*...mas não entregaste, como eu!

E porque ousar assim lançar um negro véo sobre o *meu futuro*, que já via radiante de gloria?... eu, que já tinha duas tribunas?!

Não, Senhor Barriga-Verde, o Senhor é um impostor! um velhaco? O continho restitui o, todo inteiro, não ficou comiigo!

E porque o senhor, que não sei d'onde sahio, e nem d'onde veio...atreve-se a diser que é o quitandeiro tribuno?

Quem lhe deu tal ousadia? quer por ventura *igualar-me* a si? não vês quão longe estou de meu miseravel procedimento? eu ver-me expoliado dos meus titulos?!

Maldição! maldição! vou invocar em meu favor a todos os Santos da celeste morada! oh! sim, ventam em meu auxilio, ó meu S. *Victorio*! meu unico protector! e *Sant' Anna*, minha advogada! Oh! sim! vinde! vinde! ambos...socorrem-me! se não o maldito!..o tinho-so?—Barriga-verde!..

—Cae sem sentidos e cecão o enfermo todos os seus collegas.

(Fica adiada a sessão com tal acontecimento.)

João-meio-dia.—Oh! isto é horrível! eu prometto que me vingarei do barriga verde! hei de contar-lhe boas historias... eu bem o conheço.

Luiz-buchuiro.—oh! ça vá mal! três mal! oui, il faut d'abord guerir le mala!...et ensuite! ou verrois ce que devous faire sur ce sujet...Pauvre et petit homme! voyz comme il pleure, comme il soupire...Laissons-le, messieurs, laissons-le se reposer un peu...

Nous verrons ce qu'on doit en faire...

Allons-nous en... il dort. il faut rester quelqu'un auprès de lui...

Retirando-se os quitandeiros, prometteram dar uma lição digna do atrevimento do tal barriga verde.

João-meio-dia, vendo desperstar da lethargia o tribuno, pergunta-lhe: então, como vai, collega?

Tribuno.—Sombra implacavel! pavorosa visão! horrendo espectro! não me persigas—um conto! oh! o tanto! maldito Barriga verde! tu me pagarás! palavra de quitandeiro!

Passado o momento lucido—ei-lo de novo.. S. Victorio! Sant' Anna! (chorando)

Valei-me! valei-me! oh! sou um miseravel quanto tenho offendido aos Santos da minha devoção! eu q' sou-lhes devedor de tantos.. tantos milagre?! elles que me podem perder com o menor aceno!

Tenho sido um miseravel? o castigo é digno do delicto...

Arrojei-me aos pés d'aquelles Santos, aos quaes tanto devo!?

Maldição! oh! sim, maldição!!

Ao tribuno da quitanda.

Approximão-se os SANTOS DIAS... E' chegado o tempo da penitencia e do arrependimento....

O Salvador do mundo, lá de sua alta mansão, te olha... te contempla... e se condõe de teu miseravel estado pecaminoso...

Recolhe-te, e pensa em ti, em teu futuro e nos teus...

E' um conselho, um conselho de quem não te teme, mas que te lastima

e tem commiserção do triste papel que representas hoje, levado por um enfatuamento irreflectido, acorçoado por cabecinhas léves de amigos sem criterio....

O teu fôfo orgulho não te deixa enxergar o abysmo que se abre á teus pés!

Tu tens zombado da paciencia do publico, que muito te ha aturado!

Um dia, mais tarde, talvez o arrependimento tardio te faça convencer de que andas mal....

A tua vi-la está cercada de epis dios que te desdourão...

Pois bem, pensa no teu passado remoto, e passado recente, e verás se o conselho que te damos é ou não digno de attenção!

Busca na penitencia o teu arrependimento...

Procura no seio da religião o amparo, o arrimo á teus desregramentos...

E' um aviso, se não quizeres tomar como um conselho; de uma pessoa que te lamenta, na verdade, e mostrará depois quaes as causas de tua vida irregular....

Não és amigo de ninguem, e nem também os tens... a ambição de posição e de dinheiro, cega-te em extremo....

Nós desenvolveremos com as cores mais vivas todo o teu passado, recente ou remoto e também o teu presente.

Os que te cercão—trahem-te... e cahirás victima do de preso de todos.

Não vacilles, um só instante, de novo te aconselhamos.

Não te deixaremos, se te não corrigires, seguir-te-hemos como uma sombra implacavel os teus passos, e te pregaromos as mais puras lições; mas te faremos também sentir á força de exemplos e dissertações, o teu estado misero, e o fim que te espera.

Nós collocaremos de atalaia, e não te perderemos de vista um só momento.

A tua tenacidade, filha da tua crassa ignorancia te cega,—e faz-te infatuado; quando nada és: falta-te tudo—educação e cultivo intellectual.—

O teu futuro procedimento será a norma do que temos a seguir—ou o silencio completo—ou a guerra sem tréguas....

Até breve.

O BARRIGA-VERDE.

Em todos os paizes se ve o apreço que dão aos homens notaveis que até servem de orgulho á suas nações, mas no Brazil não acontece assim, pelo menos excusão de uma provincia, esta é a de Santa Catharina.

Não é sem duvida uma das mais adiantadas e nem se aproxima ás de 1.ª classe, que de

entre seus filhos possa contar grande numero de escriptores, e que por esse motivo despenhassem o abalizado jornalista—o tribuno da quitanda.

Certamente ignora o talento desse jovem que quasi se perdeu na profissão de caixeiro, e onde tirou o resultado da tal ignorancia.

Oh! maldito conto!...

Quanto perderão os catharionenses, nunca pensarão que em tão pouco tempo se tivesse nobelizado—lá do alto da tribuna—esse jovem que só deve a sua alta posição, á seus merecimentos,—(assim diz elle) e vir em Cuyabá fazer admirar o mundo com suas bellas produções, esses raios que fulmina a tudo e a todos.

A vista do exposto é bem provavel ficarmos logo sem esse grande homem, pois bem facil é chegar á sua provincia natal, o jornal por elle redigido e os seus comprouviciarios apreciando o estylo e desenvolvimento boçal, proporcionem meios de reconduzirem-no aos lares patrios, ficando assim os seus comparsas lastimando a sua falta.

Quantas saudades não deixará ao João meio dia, e a algum que já teve—ventura—quando olharem para o alto da tribuna e não depararem com a figura desse homem q' só m de dous palmos e meio de altura!

Ahi farão como o tribuno—pedir milagres a Sant'Anna e serem devotos de São Bitorio.

Ao Veritas.

Quando o bajulador lacaio, que é assalariado para latir por conta alheia, não encontra sufficiente e cabal resposta para oppôr á verdade, chafurda-se no laçoal pudrido dos baldões, para d'ahi tentar salpicar de lama aos que só lho votam—depresso...

Late, sim, late muito embóra, vil rafeiro;—que a peconha de tua viscosa baba não póde nem de léve tocar-nos.

IMPRESSO NA TYP. DO LIBERAL
—RUA 11 DE JULHO N. 36.—